

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2406

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 95\$00; Província, 3 meses 28\$50; Africa Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

ARRUMEMOS A NOSSA CASA

A acção sindical da Confederação, se não está de todo paralisada, encontra-se entretanto muito diminuída pelas razões que os leitores já conhecem de sobejo e porque a Comissão Administrativa que a orienta não tem poderes tão latos como o Conselho Confederal.

Atravessa-se uma situação provisória. Mas como em Portugal quasi tudo que é provisório se torna definitivo, tememos que os organismos aderentes que ainda não nomearam os seus delegados ao futuro Conselho Confederal, queiram segurar esse velho e funesto hábito de adormecer sobre as resoluções a tomar, transformando o provisório em definitivo.

Já a Comissão Administrativa se dirigiu aos organismos aderentes fazendo-lhes sentir a necessidade de nomearem com urgência os seus delegados e nós não nos cansamos, por nossa parte, de nestas columnas avivar a memória dos que a tenham mais débil.

A actual situação da C. G. T. não pode eternizar-se. Há, presentemente, inúmeros problemas de grande importância para o proletariado que só um Conselho animado de boa vontade e representando tão aproximadamente quanto possível o sentir das diferentes classes terá competência e autoridade para resolver. Não cabe à actual Comissão Administrativa tomar resoluções sobre determinados assuntos de certo meíndre. Ela limita-se a um trabalho de administração e a exercer uma influência moral considerável no sentido de aplanar dificuldades ao futuro Conselho.

Há problemas de momento que requerem a intervenção da C. G. T. A Comissão Administrativa é a primeira a reconhecerlo. A sua situação de provisório, porém, não lhe permite a acção requerida, visto que tendo de terminar em breve o seu mandato, não seria lógico que encetasse trabalhos que o futuro Conselho, por discordância de orientação ou de processos teria de desfazer.

E' preciso lutar contra a carestia da vida e crise de trabalho

Os anos passam após a monstruosa guerra de 1914-1918 e o que é certo é que a crítica situação que o mesmo flagelo trouxe então para todos os trabalhadores se repete agora, como se ainda a guerra perdurasse e fosse anormal toda a vida da colectividade.

E' o «hábito a fazer monge» como costumam dizer-se, ou, mais claramente, a influência forte do «abuso» que se cometa por essa altura e que criou raízes profundas no comércio e na indústria levando-os a continuar tripudiando sobre a miséria como se se tivesse criado uma nova ordem social: a do roubo à vontade sob a capa da lei...

Não têm porém os trabalhadores, apesar de sentirem todo o peso desta situação angustiosa porque não há trabalho nem pão, reagido como era mister, pois que dia a dia a crise se torna pior caminhando-se portanto para o último acto duma vida que traz entre outras coisas a bandeira preta da fome e vermelha da revolução...

Se, a exemplo de outros países, os governos de Portugal cuidassem um pouco dos problemas sociais, apesar de duvidarmos do êxito desse auxílio, ainda podia ser que se evitasse um pouco a enorme crise que avassala os lares de milhares de trabalhadores. Mas, como os exemplos nos mostram completamente o contrário, temos de convir que os trabalhadores têm de procurar a maneira de se organizar e impor!

E' escusado porém alardearmos em frases violentas o que queremos. O que urge, é muito solidariamente sabermos agir, pois todos irmãos e unidos ninguém nos poderia deter na conquista do que de direito nos pertence.

A crise de trabalho é enorme — e, note-se, apesar de tudo não há casas baratas para nelas morarem os trabalhadores.

Quere dizer: há crise de trabalho porque centenas de milhares de trabalhadores não têm onde ocupar seus braços para ganhar uns míseros escudos, e enúmeros problemas

A VIDA DOS RICOS E A VIDA DOS POBRES

Considerações preliminares sobre uma crítica à existência faustosa dos nababos e à vida trágica dos famintos

As palavras laudatórias que precederam estas modestas crónicas sobre a vida dos pobres e a vida dos ricos concitam sobre o meu apagado nome uma atenção de curiosidade. Não por parte daquele público que tem tido a benevolência de acompanhar os meus trabalhos, porque esse sabe que eu não poderia produzir uma obra de fôlego. Mas daquele outro público, ansioso de inédito, que julgou encontrar um génio neste planeta operário.

Isto quer apenas significar que o meu modesto trabalho não causará uma grande sensação pelo seu valor literário, podendo, quanto muito, dar aos meus quatro leitores uma ideia emotiva da beleza trágica dessa vida dos *bas-fonds* da capital e uma ideia real da vida magnificente que se vive nos bairros de luxo e de opulência.

Em ambos os bairros o repórter se demorou no exame. Na vida dos ricos encontrou motivos de perfeição humana, adulterados, todavia, pela vida de luxúria que abastardou essa camada social. Na vida dos pobres o repórter encontrou motivos estonteantes, de um colorido trágico. Mas também se lhe depararam na existência destes prosaicos da vida pequenos episódios de beleza moral que o empolgaram.

Para fixarmos a eutímia desse quadro escasseiam-nos as tintas. Da exuberância da vida dos ricos à tragédia da vida dos pobres há motivos de tão bizarra originalidade que tornam difícil a escolha dos cambiantes. Para dar-lhes a tonalidade devida e a luminosidade real teríamos de passar da tela da imprensa ao terreno das projecções luminosas. Só assim o leitor vibraria de emoção, porque encontraria fixadas as verdadeiras tintas.

Todavia a existência dessas duas classes dá motivo a uma análise social, pondo em confronto a vida dos ricos e a dos pobres, que muito se ajusta à indole deste jornal.

A Batalha, lúdim representante dos que trabalham, quer esse trabalho seja exercido

por LOURENÇO MARQUES

O que dizem os insuspeitos sobre a administração ruinosa de Azevedo Coutinho

Com uma persistência que a muitos tem admirado, A Batalha há oito meses que se ocupa de todos os problemas de administração de Mogambique, uma vez que, tendo de debater as responsabilidades e as consequências do conflito ferroviário que estalou em Lourenço Marques, para que a política venal e desvergonhada não julgasse porfermando de parcialidade, era preciso pôr diante dos olhos dos que se fingem cegos, o trágico cortejo de erros, de violências, de prejuízos e de calamidades que representa a administração do ex-alto comissário Azevedo Coutinho.

Foi A Batalha o único jornal que, por uma forma bem concreta, registou, em páginas impregnadas de vibração e de verdade, a tragédia sombria que em Mogambique se desenrolou sob o consulado grotesco daquele político: por isso, e para que se veja que nunca A Batalha foi além do que a realidade pedia, uma ou outra vez temos transcrito artigos da imprensa daquela colónia.

E é ainda para documentar a sinceridade e a justiça com que vergastámos os actos do responsável pelo conflito ferroviário de Lourenço Marques, que abaixo transcrevemos alguns trechos dum artigo do *Jornal do Comércio*, periódico bem insuspeito pelo seu conservantismo e por confessadas afinidades com o partido de Vítor Hugo.

Seguem esses trechos:

«Em o nosso último número descrevemos o caos a que chegaram os serviços no C. F. L. M. mercê das extravagantes economias que ali pretendiam levar a efeito. Pode-se afoitamente dizer ser um dos factos mais notáveis que distinguiram o reinado trágico do mais incompetente dos governantes que até hoje têm pisado o solo da Província.

Se tão conspícuo cidadão, bem como os indivíduos que trouxe e assalariou para coadjuvar na sua obra, chegasse a permanecer na colónia os cinco anos do seu mandato, não temos dúvidas de que alcançaria tornar intangível o prestígio da autoridade pelo simples processo de não deixar pedra sobre pedra, em toda a Província, transformando-a num verdadeiro inferno para todos.

Em que ficaram as economias nos C. F. L. M.? Será, porventura, um bom preceito económico arruinar quasi todo o seu material circulante? Será ainda favorável a semelhante ideia o descuido do nosso pórtico? Ninguém, a quem o juízo não falte, responderá afirmativamente, como também não estará de acordo com o lançamento na miséria de centenas de pessoas.

Pois foi isto que se fez e continua a fazer. Nos demais ramos da Administração Pública nunca no consulado do sr. Azevedo Coutinho deixou de imperar o arbítrio e a insensatez, impondo-se, muitas vezes pela

no laboratório, quer se desenvolvesse no atelier, tem nestas crónicas admiráveis motivos para pautar a sua posição perante as duas camadas sociais. A Batalha pode nestas crónicas desfazer a lenda de que é um órgão de defesa do regresso à vida de miséria que nos foi dado verificar nalgumas dolorosas horas.

Sim. Nós, os que prégamos a destruição desse mundo de opróbrio que nos insulta a inteligência, não defendemos que se troque a vida de grandeza dos ricos pela vida de miséria dos pobres. Nós não aceitamos sequer a ideia de que a vida de conforto e de beleza que o rico goza venha a desaparecer. Nós não admitimos que a miséria mude de residência.

O que nós queremos é a destruição da miséria, que é a causa da dor humana. O que nós propagamos é a terminação da fome, que é a causa do opróbrio de inúmeras famílias.

E se queremos que cessem esses flagelos que acicam a existência humana, não poderemos desejar, para uma classe hoje senhora da abundância, o regresso à Fome e à Miséria.

E' verdade que a sociedade que almejamos não concebe a grandeza estonteante que gosam muitos dos possuidores do dinheiro. Essa sociedade não aceita o superfluo, o dispensável, aquilo que não se necessita para viver confortavelmente e com todos os requintes de bem-estar.

Logo, a nossa crítica à vida das duas classes—ricos e pobres—será a crítica à sociedade que mantém na opulência parte dos seus oriundos, arremegando para a miséria aquela que fomenta toda a riqueza.

As nossas crónicas serão, pois, para frisar o contraste flagrante de duas vidas e para marcar o grau de injustiça a que conduz a actual organização social.

Alfredo MARQUES
No próximo número—Como vivem os ricos e como vegetam os pobres.

O Suplemento de "A Batalha" de amanhã insere a mais curiosa e variada colaboração

O número de amanhã do suplemento literário de A Batalha se não é superior aos anteriores mantém-lhe pelo menos os créditos de publicação mais interessante que no género se publica em Portugal.

Contém os temas mais variados, tratados pelas penas mais fulgurantes e modernas. Locuções dum homem que não tinha dinheiro é uma crónica interessantíssima de Cristiano Lima, escrita numa linguagem viva tocada de ironia forte.

Jesus Peixoto disserta sobre a preguiça dos poderosos, comentando, com brilho e penetração, um artigo do *A B C* espanhol. Ladislau Batalha publica um formidável artigo sobre a irresponsabilidade dos criminosos, a propósito da reforma do regime prisional. O regresso da peregrina é um curioso conto de Alfredo Marques, onde desenha o perfil moral de uma mulher moderna.

O dr. Arnaldo Brazão, a propósito de um caso passado em Coimbra, escreveu um artigo esplêndido contra a prostituição. Mário Domingues continua a *História do homem que nasceu no século XVI*, aproveitando o ensejo para fantasiar uma Lisboa moderna, de ruas amplas e pejedas de viadutos. Um pobre que protesta contra os bodos é uma crónica interessantíssima que apesar do seu ar de blague fustiga com vigor as iniquidades sociais.

Ferreira de Castro prossegue a sua análise à vida de Ruben Dário, o grande poeta sul-americano que foi um pobre joguete nas mãos ambiciosas dos políticos.

Salvem os apendices!—grito de protesto contra as injustiças de que são vítimas as crianças nas oficinas. A crónica internacional ocupa-se da política na Venezuela.

Além de soberbos artigos, crónicas literárias e contos insere ainda o suplemento da Batalha de amanhã as suas secções curiosíssimas *O que todos devem saber* e *Chico, Zecas & C.*, o encanto da petizada.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Ferno Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

força, o silêncio aos que justamente se insurgiam.

Passemos em revista as medidas económicas por ele decretadas:

Reorganização dos C. F. L. M. A criação do Conselho de Câmbios. A criação dos Secretários Provinciais. A criação dos lugares de contabilistas. Etc., etc. Pagando-lhe, pois, 600 libras mensais pela administração que fez não há razão para se dizer que a Província o remunerou generosamente se considerarmos os resultados obtidos, como sejam:

A ruína do Pórtico e C. F. L. M. A miséria nos lares de muitas famílias. A quasi falência do comércio. A diminuição das receitas do Estado. Os homicídios. As perseguições. Os destitutos. O prémio de cambiais a 90 %.

Não carece de comentários.

O clero da Bairrada perante a banda do Troviscal

23 párcos representam ao ministro do Interior —Resposta de s. ex.

Com data de 31 de Agosto foi dirigida ao ministro do Interior uma curiosa representação contra a banda do Troviscal, assinada pelos párcos dos três concelhos que constituem a região da Bairrada, ou sejam —Anadia, Mealhada e Oliveira do Bairro. Nessa representação os reverendos «poderam respeitosamente» a s. ex. «que «tem sido grandes as dificuldades que há quatro anos tem encontrado por ocasião das festas religiosas, dificuldades originadas pela injustificada protecção que as autoridades administrativas tem dispensado à música interdita do Troviscal».

E acrescentam factos justificativos da sua queixa, como sejam a expulsão de todo e qualquer padre que vá àquela freguesia, violências das populações onde a banda interdita é chamada a exercer as suas funções, etc.

Exclamam: —«Senhor ministro! Nestes tempos agitados em que a indisciplina social se manifesta por tão variadas formas, julgamos absolutamente necessário que os poderes públicos adoptem as medidas indispensáveis para o restabelecimento da ordem».

E acrescentam: —«Ora nós pretendemos e queremos ser obedientes e disciplinados com autoridade moral para recomendar ao povo, que espiritualmente dirigimos, obediência aos poderes constituídos e acatamento às leis e decretos que desses mesmos poderes justamente promovem... Estamos também dispostos a auxiliar o governo...»

O resto são novas acusações contra a banda interdita, «motivo de sérias perturbações e ameaça constante à alteração da ordem pública».

A gente lê, pasma e pergunta:—Então destes 23 reverendos não haveria ao menos

OS CRIMES DOS MOAGEIROS

Prova-se a cumplicidade dos vendedores ambulantes de pão no descarado roubo do público de que é responsável a Companhia Nacional de Alimentação

A pesar de serem conhecidos alguns dos processos de que é usada a Moagem, as nossas revelações de ontem causaram verdadeira sensação. O público, mais uma vez, teve ocasião de verificar que o poderoso feudo é muito mais atrevido na fraude do que os profissionais do roubo.

Mas os crimes dos moageiros não se limitam aos roubos ontem demonstrados. Há outros comparsas dessa obra miserável e que em estofo moral se assemelham aos moageiros. São os distribuidores de pão aos domicílios, aqueles pequenos comerciantes que vimos a hora matutina, frágeis cabezas ao ombro, trepando aos pavimentos superiores dos prédios.

Pois esses cavalheiros não são menos responsáveis na fraude que se pratica na venda do pão. O montante do roubo, com a participação desses exploradores, atinge uma cifra maior. Vejamos como.

Devido à exigência do pagamento das medidas de farinha por um preço superior, o caixeiro impõe ao panificador o fabrico de pão com um peso inferior. Dessa fraude beneficia a Moagem e o vendedor ambulante. Beneficia a Moagem pelas razões ontem apontadas e beneficia o vendedor pelo seguinte motivo.

O pão chamado de família, que é vendido como se pesasse meio quilo, tem apenas 420 gramas. Como foram abolidas as balanças, os 1000 vendedores ambulantes que existem em Lisboa, vendendo uma média de cinquenta desses pães, roubam o público em oitenta mil gramas ou seja em 160 «pães» que custam 160\$00.

Mas há mais. E cá temos novamente as carcaças em acção. Com este pão o roubo é mais descarado. O vendedor, como não lhe convém à venda ao público da carcaça generosa frances, que é a que encontramos aí à venda, impõe ao caixeiro que esse pão seja «arrumado de pontas abaixo e cozido de forma abiscotada». Quere dizer: O pão assim fabricado é mais volumoso e pode ser

DEZASSEIS ANOS QUE PASSAM

Há 16 anos que está implantado em Portugal o regime republicano, regime de liberdade, igualdade e fraternidade, como os seus caudilhos espalhavam aos quatro ventos no tempo da propaganda.

Nesse tempo as classes trabalhadoras organizadas, ainda que a sua estrutura lhes não permitisse pactuar com os políticos, transgiram com os seus princípios, auxiliando a causa republicana, ansiosas por derrubarem o trono e o altar, esperanças que dentro duma instituição puramente democrática, melhor poderiam educar as massas proletárias, chamando-as às suas agremiações e preparando-as para se emanciparem da tutela capitalista.

Assim, começaram fazendo por toda a parte uma intensa propaganda em prol da república, a qual se espalhou rapidamente pelas associações de classe, sociedades de recreio, fábricas e oficinas, nos campos e tabernas, conseguindo assim levar o povo em massa aos comícios, formar associações secretas e aliciar adeptos, fabricar explosivos e, chegado que foi o momento do combate, dar o seu corpo às balas, fazendo finalmente raiar o almejado dia do triunfo republicano, em 5 de Outubro de 1910.

Implantada a república e concluída a missão do governo provisório, foi formado o governo que devia ficar gerindo os negócios do país, aberto o parlamento e nomeado o chefe do Estado.

Posta a máquina em andamento, foi logo elaborada uma lei chamada Lei da Consti-

tução, em meio da discussão e redacção da mensagem se resolvesse a ter miolos, dizendo ao grupo:

Irmãos em Cristo! O que nós devemos pedir não é a perseguição aos músicos, que estão no seu papel. O que nós devemos fazer, se na verdade queremos ter autoridade moral para falar ao povo, é continuar, como até aqui, a dizer mal da República e das suas leis, que tanto nos fizeram diminuir o pé de altar. Pedir o castigo da música e não pedir a supressão da lei do Registro Civil, é um acto de pouca inteligência e de menos bom-senso.

O ministro, se não fôr tolo, pergunta-nos que lei desacataram eles. E nós, se quisermos ser justos e honrados, temos que dizer que precisamente por eles não queremos desacatar uma lei da República é que o sr. bispo os interditiu e nós os odiamos e perseguimos. Tenho dito».

E tinha dito bem, reverendíssimos pastores. Porque a vossa representação é tão cheia de incoerências e de afirmações capciosas, que toda a gente que a leu tem afirmado e jurado que ela deve ter sido devolvida à procedência.

E senão foi devolvida nem aplicada a serviços de limpeza, deve ter tido, pelo menos, esta resposta verbal:—A República não pode perseguir os que acatam as leis, e mormente por motivo do mesmo acatamento. Ora quem desacatou a lei não foi a banda, foi o clero que hoje me representa contra ela, dizendo-se disposto a auxiliar o governo. Não: primeiro acatem a lei, e depois apareçam, que se tiverem algum préstimo serão utilizados».

Foi assim? Não foi assim?

Dicant paduani...

Notas & Comentários

Vamos a Isso?

Houve, como se depreende do extracto que ontem publicámos, quem estranhasse, na Câmara Sindical do Trabalho do Pórtico, que a Batalha, tivesse publicado uma reportagem sobre a Colónia Balnear instituída pelo Socorro Vermelho, no Pórtico Brando.

Não pode haver motivo para estranhezas. A Batalha foi convidada a ir presenciar o que se passava naquela colónia—e foi. Como não usa a calânia, nem a mentira como processo de combate, vem contar lealmente o que viu: um bando de crianças respirando um ar mais puro, cuidando da sua saúde—e soube que essas crianças eram filhas de operários que por questões sociais foram presos e deportados. E a maior parte dessas crianças não são filhas de comunistas, mas sim de sindicalistas... Se amanhã os anarquistas fizieram qualquer gesto de solidariedade que atinja as crianças, que são as maiores e as mais inocentes vítimas desta sociedade, a Batalha enviará lá um redactor e um fotógrafo. O que ela não pode é inventar e fotografar o que ainda não se fez por razões que são conhecidas de todos.

No mesmo relato afirma-se que houve quem declarasse que a melhor maneira de combater o Socorro Vermelho consistia em desenvolver o nosso espírito de sacrifício e de solidariedade. Inteira e de acordo. Vamos a isso, camaradas divergentes?

Transcreve-se...

Do Diário de Notícias de ontem:

«O ministro das Colónias continuou ontem a trabalhar, toda a tarde e parte da noite, com os bispos de Mogambique e Cabo Verde e vigário geral de Angola, na apreciação do novo estatuto das missões religiosas no ultramar, que foi elaborado, como já dissemos, pelo último daqueles membros da igreja».

Sêlo da Assistência

Nos próximos dias 4 e 5 do corrente é obrigatório o sêlo da Assistência de \$15 em todas as correspondências, excepto jornais, a expedir para o Continente e Ilhas Adjacentes.

de carácter económico estão por resolver devido à inépcia dos governantes!

Entretanto esta situação não pode continuar—pois isso traria como consequência um maior desastre para a colectividade afectando sobremaneira os trabalhadores.

Do sindicalismo está reservado um grande papel: o de por estrutura satisfazer todas as necessidades económicas do proletariado. Saibam todos cumprir a sua missão e melhores dias nos estarão reservados.
Adolfo de FREITAS

NATURISMO E HIGIENE

A picaresca filosofia dos glútes e as suas funestas consequências

Coma e beba bem e deixe-se de cantigas, é a receita que muita gente dá, incluindo até muitos médicos, para a grande maioria dos males que afectam os habitantes deste mundo que parecem viver para comer.

Na verdade o hábito da «pancada» existe desde épocas remotas e nele se notabilizaram os romanos, cuja decadência coincidiu com os formidáveis banquetes e orgias que celebraram o império dos Césares.

Todos os actos da vida social são caracterizados pela ingestão estúpida de substâncias vindas de todos os reinos da natureza, e assim o estômago humano que é destinado a receber alimentos que estejam em harmonia com a fisiologia, transforma-se numa dispensa onde as fermentações se sucedem para repasto dos microbios.

Realiza-se o baptizado duma criança? Ele será incompleto, pobrete mesmo, se na mesa do festim não comparecerem sete ou oito pratos variados sempre regados de bom vinho.

Casou-se um indivíduo? A boda não tem valor se não for caracterizada pela presença de bons gastrónomos que se encarreguem de devorar os despojos cadavéricos eczinados nos caldeiros de regimento, e de servir quantas garrafas haja na garrafeira.

Há quem chame a estas formidáveis comensais *copo de digna*, podiam-lhe chamar outra coisa...

Nestes últimos tempos tem-se manifestado uma doença, que podemos classificar de banquetomania.

Assim todos os dias os jornais de boa informação noticiam a realização de banquetes, alguns dos quais findam com «jazz» e de pancada.

Há tempos fundou-se em Lisboa um club cujos membros, que devem ser amigos da boa petiscaria, são recrutados do chamado meio intelectual.

Reinam-se todos em determinado dia da semana e a título de confraternização devoram sempre o que se chama um bom manjar.

Estou em dizer que o problema político português só poderá ser resolvido quando findarem os intermináveis banquetes que artitram os nervos e o cérebro dos pais da pátria.

Em Portugal, como de resto em outros países, existe o medo de morrer-se de fraqueza; e, por isso, comilão não foi só o de Almada, existem do norte ao sul do país, em toda a parte onde a doutrina do «comilão» e «beba-lhe» predomina.

Ensina-se na família, na escola, etc., a ter boas maneiras, a ser-se gentil, diplomático, mas não se ensina a arte de bem comer e como o homem é sempre propenso à animidade, daí as pancadas que criam estes abortos que nós vemos ali pelas ruas.

Em geral toda essa população de enfermos frequentadora assídua das clínicas deve os seus achaques à qualidade e quantidade de alimentos que através de seus ingeriram.

A diátese artrítica com o seu cortejo de sintomas, a diabetes, as dispépsias, as enterocolites e tantas outras doenças que dizimam esta pobre humanidade, estão illudidas no mau critério alimentar que o rotineiro não mantém.

Mas não são só os ignorantes que não sabem comer.

Há muitos cidadãos vindos das cátedras que conhecem história, química, filosofia, etc., mas que desconhecem a ciência da alimentação que se chama trofologia.

Pois assim como na escola se ensinam tantas ciências, que por vezes nenhuma valeu para a felicidade do indivíduo, julgo que seria humano e racional ensinar a bem alimentar-se, pois a felicidade é a saúde, e esta só se consegue seguindo os preceitos da higiene alimentar.

Há muitos médicos da escola alopatá que concordam com este critério que os naturalistas não se cansam de divulgar, médicos que vão trocando a droga pelos alimentos bem solucionados e especificados para cada caso.

Há tempos dizia o dr. Ferreira de Mira que hoje já muitos doentes saem dos consultórios sem irem em direcção à farmácia. Mas como seguir um bom regime que mantenha a integridade orgânica, o vitalismo geral?

Mais devagar, caro leitor, no próximo domingo te responderei.

Lion de CASTRO.

Um alienado agride um enfermeiro

Na 3.ª enfermaria do Manicócio Bombarda, quando ontem de manhã, o respectivo pessoal se encontrava entregue ao serviço de limpeza dos alienados ali internados, um destes, Henrique Mendes, arremessou uma bacia de ferro esmaltado ao guarda daquela enfermaria Eduardo Augusto da Encarnação, a qual foi atingida na cabeça, produzindo-lhe um grande ferimento. Transportado imediatamente ao hospital de São José, foi ali observado pelo cirurgião de serviço dr. Manuel de Vasconcelos, dando entrada, depois de devidamente pensado, na enfermaria de Santo António.

focarem a voz da razão, reforçaram a guarda republicana, armando-a até aos dentes, criando também uma polícia especial para descobrir fantásticos complots e fazer buscas domiciliares.

E não contentes com tudo isto, ainda consentiam a existência de grupos de verdadeiros malfetores que, com o pomposo nome de defensores da república, praticavam toda a casta de vandalismos, certos da impunidade.

O assalto à Federação Nacional da Construção Civil e ao jornal «A Batalha» destruindo todo o mobiliário e pretendendo assassinar um seu redactor, demonstrou claramente os instintos ferozes desses perigosos defensores da república.

Ora todos estes desmandos e irregularidades cometidas dentro dum regime que se diz a do povo e para o povo, têm levado a descrença a muitas almas bem formadas, as quais se têm divorciado da república, desgostosas por verem o errado caminho que ela tem trilhado.

E nós, como idealistas que somos, propositos da liberdade—do amor e colocados do outro lado da barricada, lamentamos profundamente o caos em que temos vivido e, com quanto não queiramos voltar para trás, devemos declarar perentoriamente, hoje, após dezasseis anos de república, que não serão os estados monárquicos, republicanos ou socialistas, que hão de emancipar a humanidade, trazendo-lhe a felicidade e o bem-estar a que ela tem jús.

F. Nunes SCHIDECHER

CARTA DE COIMBRA

Um industrial explorador de menores

COIMBRA, 1.—Manoel de Sousa é um cidadão proprietário duma oficina a que dá o título de «Tinturaria Nacional», sita na rua Pedro Cardoso. Até aqui está muito bem.

O sr. Manoel de Sousa pode ter as tinturarias que quiser e entender que nós nada temos que ver com isso.

O que não está certo, porém, é o que não podemos levar à paciência, é que o sr. Manoel de Sousa se entregue ao repulente papel de explorar com o trabalho de menores, praticando actos que merecem a repulsa de toda a gente que não tem ainda embotada aquela sensibilidade imane em todas as pessoas de espírito bem formado.

Este cidadão Sousa, que pelos modos parece ser um esturruado defensor da moral, da ordem e não sabemos de que mais tinha ao seu serviço, há dois meses, o menor de 13 anos, José dos Santos, natural de Chão de Lamas, concelho de Miranda do Corvo, tendo ficado estipulado o salário a dar ao rapazote em 15 escudos mensais, além da comida e dormida.

Como quer que o trabalho fosse excessivo para o rapaz, pois o patrão obrigava-o a andar numa roda continua em serviços pesados em demasia para a sua idade, o rapaz resolveu despedir-se do serviço e regressar à sua terra.

Qual não é porém o seu espanto e a sua revolta quando ao despedir-se o patrão o obriga a despir uma roupa que envergava e que muito legitimamente pertencia ao rapaz, pois o patrão lhe tinha oferecido, fazendo-lhe envergar uns trapos velhíssimos que já tinham sido postos de lado, por inúteis. Não satisfeito, ainda, recusa-se a entregar-lhe o salário de dois meses, 30 escudos, além de 3570 que o rapaz lhe tinha confiado à sua guarda, produto das suas gratificações.

Esta scena, feita evidentemente com o intuito de forçar o rapaz a continuar a trabalhar, não surtiu efeito, pois o rapazote insistiu em retirar-se para a terra da sua naturalidade.

Valeram ao menor algumas pessoas conforçadas com o seu miserável aspecto e que lhe cederam algumas roupas e o auxiliaram para poder seguir viagem.

Aqui fica narrada, em frases simples, a atitude repulente dum cavalheiro que não sabemos se teria coragem de proceder assim para um homem que tivesse músculos...

...já ainda nos dizem haver uma lei de protecção aos menores na indústria!

Ainda o Diabo e a Confraria da Rainha Santa

Devem os leitores lembrar-se dumas revelações que aqui exarámos é que o Diabo nos transmitiu, a propósito dos descontentamentos havidos na católica Confraria da Rainha Santa, contra a mesa que dirige os destinos daquela colectividade.

Parece, afinal, que o anjo rebelde não nos mentiu, o que era de esperar, afinal, visto aquele diabo dever estar no segredo dos deuses... pois chegaram com uma notícia nas gazetas cá da terra, em que se diz que a autoridade superior do distrito dissolveu a mesa da referida confraria, nomeando, provisoriamente, uma comissão administrativa, até posteriores resoluções.

Dizem alguns jornais que a mesa foi dissolvida por constar haver grandes e sagradas irregularidades na sua administração.

Não acreditamos... porque a *Gazeta de Coimbra*, cujo director é um dos membros da mesa dissolvida, veio à estacada, dizendo não existir tais irregularidades...

Mas... como o Diabo costuma falar verdade, é conveniente aguardar os acontecimentos, pois já se fala numa comissão de inquérito, e mesmo poderá ser que a Rainha Santa se disponha a fazer mais um dos seus costumados milagres, pondo a *caraca* a descoberto dalguns dos seus mais devotos amigos...—C.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo por Campos Lima, \$300.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, \$600.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, \$900.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

EXCURSÕES

Reúniu ordinariamente a Comissão de Educação e Propaganda do Núcleo de Juventude Sindicalista do Porto. Como esteve marcado para o próximo dia 3 um passeio à praia da Granja e nesse dia se realize no Porto, por iniciativa da Federação das Escolas e Bibliotecas sociais, uma velada social com o fim de angariar fundos para a próxima comemoração do aniversário do fusilamento de Ferrer, foi resolvido adiá-lo para o domingo seguinte.

Convida-se, portanto, toda a mocidade sindicalista a comparecer em tal dia na estação de S. Bento, a hora que será marcada, fazendo-se acompanhar por suas companheiras e irmãos, para que com a sua presença tornem esta visita mais brilhante. Vai ser convidado um militante libertário para lá fazer uma preleção.

Acompanhará os jovens um dueto musical, que tocará diversos e interessantes trechos.

A vida insuportável em Aljustrel

ALJUSTREL, 30.—E' revoltante a maneira como vão subindo de preço todos os generos alimentícios. Em poucos dias atingiram uma alta de cem por cento. Chegamos a crer que novamente estão sendo protegidos os ladrões legalizados.

Consta-nos que uma comissão de Operários metalúrgicos vai amanhã perante o director das minas de Aljustrel pedir aumento de salário, visto as precárias circunstâncias em que se encontram, devido aos irrisórios salários que actualmente auferem.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Islândia» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Bafá, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires. A última tiragem da correspondência, da estação central dos Correios, será às 9 horas e amanhã, pelo paquete «Niassa», da Companhia Nacional de Navegação para a Madeira e África Ocidental, efectuando-se a última tiragem às 12 e fechando os registos às 10 horas.

Comité Pró-Prêso por Questões Sociais

Solidariedade aos prêso

Consentir que aos prêso sociais e aos seus entes queridos falte o indispensável para viverem seria uma grande desumanidade que jamais algum revolucionário libertário quererá praticar.

Os prêso que tudo sacrificaram em prol da emancipação humana, inclusive, sua vida e a de suas famílias, merecem todos carinho e dedicação e não podem atravessar vicissitudes sem que nós, primeiros, nos esforcemos por evitá-las.

Abri-queles, realizar festas, obter, enfim, quaisquer donativos para os enclausurados por motivos sociais, além de ser uma grande manifestação de solidariedade, é o protesto vivo contra o existente e a afirmação consciente dos que almejam a transformação social.

Mas não nos esqueçamos de acorrer em auxílio dos que sofrem pelo seu muito amor à causa e façamos todo o possível por lhes evitar privações, contribuindo todos os sábados ou dias em que se recebe o salário, e que ninguém se esqueça de pensar nos que estão a ferros. Que todos os proletários socorram as vítimas da injustiça social!

O Comité Pró-Prêso por Questões Sociais

Colônia Infantil do Porto Brandão

Como noticiámos, é hoje que, a convite do Comité Central do Socorro Vermelho, o proletário da de Lisboa visitará a Colônia Baineir dos filhos dos prêso e deportados que presentemente está funcionando no Porto Brandão.

Para esse fim todos os camaradas têm carreiras de Belem, de meia em meia hora, ao preço de \$50.

Do Barreiro parte hoje às 9 horas uma excursão operária ao Porto Brandão de visita aos filhinhos dos prêso e deportados. A Colônia Baineir Infantil será também visitada hoje pelos srs. Magalhães Lima, Agostino Fortes e outras individualidades do meio liberal.

Na próxima terça-feira uma comissão de representantes da «Voz do Operário» visitará também a referida Colônia.

O 5 de outubro

Comissão de Beneficência 20 de Abril

Cumprindo o que ficou resolvido na última sessão deste organismo de beneficência, a fim de comemorar o 16.º aniversário da proclamação da República vai ser enviado ao sr. Director do Asilo de Mendicidade de 500 onças de tabaco a fim de ser distribuído pelos velhinhos ali internados.

Nas cadeias civis

O director das Cadeias Civis de Lisboa determinou que no dia 5 de Outubro fosse melhorado o jantar dos prêso que constará de 100 gramas de carne, 20 de chouriço, 100 de massa e 100 de grão. Nesse dia as visitas começam às 11 horas e terminam às 14, sendo recebidas dentro das prisões.

As refeições melhoradas atingem aproximadamente o número de 1000.

Também a Junta de Freguesia de Santo Estevam distribuirá no dia 5 um budo aos pobres, tendo-nos enviado cinco senhas para os nossos protegidos, o que agradeçamos.

Comemorando o 16.º aniversário da república a Junta da Freguesia de Santa Catarina distribuirá no dia 5 de Outubro, na sua sede, pelas 10 horas, um budo aos pobres. Teve a amabilidade de nos enviar duas senhas para os protegidos do nosso jornal, em nome dos quais agradecemos.

Uma série de mendigos fardados que não precisam de esmolar

Da Associação dos Escoteiros de Portugal recebemos a seguinte nota, protestando contra um novo meio de explorar o público:

«Tendo alguns jornais noticiado que o governador civil autorizara o 2.º Grupo de Escoteiros Municipais a vender bilhetes postais na via pública, a Associação dos Escoteiros de Portugal tem o dever de informar que o referido grupo nada tem que ver com os Grupos de Escoteiros de Portugal conquanto os seus elementos, infringindo o disposto no decreto 3120 B, usem abusivamente a designação de «escoteiros» e se apresentem com uniforme tão semelhante que o público os confunde, facto este que sobremaneira prejudica a difusão do Escotismo.

A Associação dos Escoteiros de Portugal sendo uma instituição exclusivamente educativa, não pode concordar com tais processos».

Os touros vingam-se

No lugar de Veiros, próximo de Extremoz, realizou-se no dia 27 último, uma festividade, tendo, por essa ocasião, ali sido improvisada uma tourada, na qual tomaram parte, como forçados alguns rapazes dos lugares circunvizinhos, entre eles, João Carola, de 23 anos, jornaleiro, natural e residente em Santo Aleixo (Monforte) que, a certa altura da corrida foi colhido por um dos touros, ficando ferido na cabeça. Transportado ontem para Lisboa, deu entrada no hospital de São José, em cujo Banco, foi devidamente pensado, recolhendo depois à Sala de Observações.

CONFERÊNCIAS

O problema da repopulação

O sr. Alexandre Ferreira realiza na próxima quinta-feira, 7 do corrente, às 21.30, na sede da Associação de Protecção à Infância-Liga Pró-Moral, rua de S. Vicente, 2.º, 1.º, a convite da mesma instituição, uma conferência sob o tema «O problema da repopulação de Portugal—A defesa da criança».

Consequências da guerra

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, deu ontem entrada, António Velez Madeira, de 32 anos, serralheiro, natural e residente em Veiros (Estremoz) ex-combatente da Grande Guerra, na qual tomou parte como 1.º cabo da Companhia de Projectores R. S. M. que ainda se encontra sofrendo em consequência dos gases asfixiantes.

TEATROS

O mais barato e atraente espectáculo da actualidade, é o do Eden Teatro, com a sua incomparável revista «Cabaz de morango» hoje é o 5.º domingo em que se repete a já celebríssima peça que, nos anteriores e nas duas sessões, exgotou a lotação daquele vastíssimo teatro. Não falte, pois, no Eden Teatro, quem quiser passar uma noite divertidíssima, gastando pouco dinheiro.

A despedida de Alice Pancada

Hoje, em «matinée» e «soirée», apresenta-se, pela última vez, no Teatro Salão Foz, a illustre actriz-cantora Alice Pancada, que tanto sucesso tem obtido nos seus trechos portugueses, franceses, ingleses, espanhóis e italianos. A admirável completista Teresita de Ávila, que ontem se estreou, foi entusiasticamente aplaudida, bem como a notável artista espanhola Pitussilla que está dando os últimos espectáculos. Despedem-se também hoje os artistas brasileiros «Os Mirandãos», cujo repertório de maxixes, charlestons e cantares brasileiros tanto êxito tem conseguido. Amanhã estreiam-se as célebres e formosas bailarinas inglesas Alam Sisters. Acompanha todos os números a popular orquestra de «jazz» Foz Melody Band.

Atropelamentos

No banco do hospital de São José foram pensados, e recolhidos depois a casa, Francisco Alves, de 63 anos, natural de Proença-a-Nova, empregado no comércio e residente no Hotel das Nações, que, no Rossio, foi atropelado por um carro eléctrico, ficando ferido na cabeça, e António Pinto, de 13 anos, natural de Lisboa, carroceiro e residente na rua do Vale Formoso de Cima, Quinta do Leal, que, na Bica do Sapato, foi atropelado por um camião, ficando com várias contusões pelo corpo.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, faleceu ontem Arquimélio Dias, de 26 anos, engatador dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e residente na estação do Barreiro, e que, como noticiámos, foi, na mesma estação, no dia 25 último, entalhado pelas bombas de duas carruagens. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo hospital.

Salubridade pública

Pede-se a atenção, a quem de direito superintende neste assunto, para um foco de infecção existente na rua da Guia, n.º 6, 3.º, E, (à Mouraria).

Um decreto sobre o regime da liberdade provisória

O Diário do Governo publicou o seguinte decreto:

«Artigo 1.º—Aos réus pronunciados por crimes que admitem fiança, quando o seu julgamento não possa efectuar-se por depender de recurso, exame ou outra diligência requerida pela parte queixosa ou pelo Ministério Público, poderá o juiz, quando lho requererem e estejam presos há mais de seis meses se ao crime for aplicável pena correccional e há mais de dois anos se for aplicável pena maior, conceder a liberdade provisória até o julgamento, cumprindo-se as disposições do artigo 2.º e seus parágrafos da lei de 15 de abril de 1886.

§ único. Esta disposição não é aplicável aos agentes dos crimes a que se referem os decretos números 11.339 e 11.381, nem aos de crimes sujeitos à jurisdição militar».

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

—DE—

Juliano Quintinha

2.ª Edição—Escudos \$800

A' venda em todas as livrarias.—Pedidos a secção de Livraria de A Batalha

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

António José de Almeida

Na enfermaria da Cadeia Nacional, para onde foi enviado há tempos, por se encontrar atacado duma gravíssima enfermidade, faleceu ontem o recluso António José de Almeida, manipulador de pão, e um dos prêso arguidos de pertencerem à «Legião Vermelha».

António José de Almeida foi prêso há mais dum ano, em virtude do fiscal da Companhia Nacional de Alimentação, João Rodrigues de Oliveira, o ter acusado a polícia de pertencer à «Legião Vermelha».

O funeral do desditoso operário realizou-se hoje, às 12 horas, para o cemitério de Benfica.

O Sindicato dos Manipuladores de Pão convida a classe a incorporar-se no funeral.

As novas cartas orgânicas das colônias

Informam-nos da Arcada que devem ser publicadas nos primeiros dias da próxima semana as bases para as novas cartas orgânicas das nossas colônias.

As bases orgânicas porque as colônias se têm regido, descendo por vezes a minuciosidade próprias de matéria regulamentar, não conseguiram contudo obstar, durante a sua vigência, à desorganização administrativa e financeira em que as colônias se encontram.

A experiência tem assim demonstrado absoluta necessidade de se remodelar a administração colonial.

O governo compreendendo essa necessidade, orientou a sua acção nos princípios seguintes:

a) Unidade política do território colonial; b) Continuidade do regime de autonomia administrativa e financeira com uma maior superintendência e fiscalização da metrópole;

c) Definição, tendente a evitar confusões, da competência da metrópole e dos governos das colônias em matéria legislativa e executiva;

d) Cessação do regime municipal nas regiões onde ele, apesar de um longo regime de assimilação, ainda não conseguiu criar raízes;

e) Exclusão nas bases orgânicas de disposições especiais ou regulamentares a fim de elas terem a elasticidade precisa para dentro dos seus preceitos gerais mas regidos se poderem formular as cartas orgânicas e códigos administrativos de cada colônia;

f) Modificação do regime dos altos comissários no sentido da possibilidade da sua adaptação às circunstâncias excepcionais de diversa natureza que determinam em cada caso particular a necessidade de tal regime.

São estes os princípios que orientaram o governo na reforma da Constituição Política em matéria de administração colonial. Tem elas em vista a neutralização política da administração das nossas colônias.

Um mau filho fractura o crânio ao pai com uma enxada

No lugar de Carvalhinhos, concelho da Moita do Ribatejo, de onde é natural, reside Francisco Leão, de 49 anos, jornaleiro, com sua mulher Rosa Teresa e seis filhos, entre eles, António Coelho, de 23 anos, trabalhador rural, e Emilia de 19 anos. Antecedente, a tarde, regressou o António do trabalho e chegou a casa, pediu à Emilia para lhe fazer uma sopa. Esta, porém, por qualquer motivo, não pôde satisfazer o pedido com a brevidade que o irmão desejava; o que deu origem a que, entre os dois, se estabelecesse violenta discussão, na qual intervieram os outros irmãos a favor da Emilia, a quem o António pretendia agredir. Neste momento, entrou em casa o Francisco Coelho, que vinha do trabalho, e dirigindo-se ao filho, repreendeu-o asperamente pelo seu incorrecto modo de proceder. O António, então, cresceu para o pai ao mesmo tempo que lançando mão de uma enxada que se encontrava próxima, lhe vibrou tão violenta pancada na cabeça que lhe fracturou o crânio. Acudiram ao ferido a mulher e os filhos sendo-lhe ali ministrados os primeiros socorros, enquanto o António Coelho se ia entregar às autoridades locais, dando entrada na cadeia da Moita. O Francisco veio ontem para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha o transportou ao hospital de São José, em cujo Banco foi operado pelos srs. Manuel de Vasconcelos e Luses, recolhendo depois à enfermaria de Santo António, em estado grave.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

TIVOLI

Telefone N.º 5474

MATINÉE ÀS 3 HORAS

SOIRÉE ÀS 9 HORAS

A DEDICAÇÃO

DE

RIN-TIN-TIN

Emocionante film de aventuras, com o célebre RIN-TIN-TIN e os artistas Walter Hec. Graf, Dot Hargitan e Jane Marione

Noite de Natal

Comédia-drama com Elaine Hammerstiel

Uma cine-farça

Revista cinematográfica

AMANHÃ:

Rómula

(Reconstituição da Florença dos Medici)

COM

Lillian Gish

e

Dorothy Gish

Queimado numa explosão

Na enfermaria de São Sebastião do Hospital de São José deu entrada José Peniano, de 35 anos, trabalhador rural, natural e residente na Azambuja e que quando ali chamava um suíno, de súbito deu-se na fogueira uma explosão que ele supõe ter sido de algum morteiro de artilharia que tivesse vindo junto da lenha, resultando o José ficar queimado no rosto.

A' VENDA A 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 13 tomos com cerca de 320 páginas \$300.

A obra mais barata que no género se publica

PELO ESTRANGEIRO

Um feixe de notícias

O governo polaco

VARSÓVIA, 2.—Pilsudski aceitou o encargo de formar novo gabinete.—(L.)

Palestras de governantes

PARIS, 2.—A conferência realizada entre os srs. Briand e Nintchitch versou sobre a política dos Balkans, tendo o sr. Briand em seguida recebido o ministro dos Negócios Estrangeiros da Polónia.—(L.)

Auxílio aos mineiros ingleses

OSTENDE, 2.—Na confer

A BATALHA

Os organismos que ainda não o fizeram, devem apressar-se em nomear os seus delegados ao futuro Conselho Confederal



A ACÇÃO DA A. I. T.

Realizou-se em Paris uma importante conferência das centrais aderentes à Associação Internacional dos Trabalhadores

O que foi essa magna assembleia, segundo as atas das respectivas sessões

Quando à indústria da construção civil, isso diz respeito a Portugal. Este não nos esquivamos.

O 2.º Congresso da Federação da Construção Civil da Holanda que teve lugar há 2 semanas, decidiu tomar a iniciativa de criar uma internacional da Construção Civil, pois que Portugal que se devia encarregar disso, nada fez.

A Holanda espera pois o apoio de Portugal para realizar esta internacional; a Alemanha igualmente.

Sousa—Diz que a C. Civil de Portugal terá talvez dificuldade em tomar essa iniciativa.

Rousseau—Nestas condições, não seria preferível que a Holanda se encarregasse só deste trabalho?

Borgh—Indica que se poderia esperar o próximo congresso da A. I. T. para se discutir esta questão. Entretanto os holandeses e os alemães poderiam entender-se para esse efeito.

Rousseau—A Holanda delegou um representante ao congresso dos metalúrgicos alemães; tiveram entrevistas, mas depois não tivemos outras informações.

Afixámos cartazes para o 1.º de Maio. Traduzimos em línguas búlgara e inglesa, um protesto contra o governo búlgaro. Conduzimos igualmente uma campanha a favor de Sacco e Vanzetti.

Em todas as nossas reuniões e em todos os nossos jornais, propagamos sempre as ideias da A. I. T.

Traduzimos o artigo de Soucy, do mês de Maio, e distribuímos 20.000 manifestos editados pelo secretariado da A. I. T.

Não respondemos à carta das Juventudes alemãs, porque as juventudes sindicalistas são, entre nós, muito combatidas pelas juventudes anarquistas. O movimento das juventudes sindicalistas tem por isso diminuído; não tem mais de 150 membros. Foi por esta razão que não respondemos às juventudes sindicalistas alemãs.

Maço ao congresso que terá lugar no Pentecostes, Becker virá em nome das juventudes sindicalistas.

O jornal das juventudes sindicalistas da Holanda aparece todavia regularmente, todos os meses, e tira 2.500 exemplares.

Pela jornada de 6 horas, fizemos tudo o que podemos.

Schapiro—Eu tinha empreendido dirigir a comissão de estudos, e examinar o que podíamos fazer. Razões puramente pessoais impediram-me de fazer qualquer coisa de sistemática. Tinha começado um mapa de estatística sobre a organização nas fábricas, mas não pude acabá-lo, e é provável que não o possa fazer de futuro. É preciso ter uma vida regular para empreender um tal trabalho, e lamento ter aceite o encargo.

Tenho muitas observações a formular sobre o relatório moral.

Procurarei pois desembaraçar-me do que temos a dizer sobre as questões dos diferentes países, e tentar fazer algumas observações gerais.

Creio que o estado financeiro está geralmente em relação com o trabalho que fizemos. Quanto ao movimento, a tarefa realizada, mais depressa viriam as cotizações, porque os camaradas sabiam que havia um esforço sério a realizar.

Quanto menos a A. I. T. trabalhar internacionalmente, menos se ocupará dela. Julgo que ela deixou o mundo muito tranquilo. Deveria ter uma atitude activa e não de expectativa.

Soucy falou da revista internacional alemã, que marcha muito mal.

Se, em vez de começar a publicação da revista, tivéssemos arriscado o nosso dinheiro para a propaganda, teríamos sempre tido, senão uma receita suficiente, pelo menos um resultado moral que teria tido uma grande repercussão.

Creio que a Europa é o centro de gravidade do nosso movimento, e que a América não se ocupará da nossa acção.

Devemos procurar atingir os países capitalistas: França, Inglaterra e América do Norte, porque é lá que terá lugar a revolução. O capitalismo não existe na América do Sul, que não é um país industrial.

É toda a Europa que nos interessa sobretudo.

Quanto à questão dos cartazes, penso que um cartaz é um meio de propaganda, mas que se deve fazer outras coisas, porque o cartaz não é uma coisa principal. Este cartaz custou 30.000 francos, e recebeu 14.000, talvez um pouco mais. Isso faz um deficit de 16.000 pelo menos. Foi por causa destes cartazes, que pagou, que Portugal não pôde pagar as suas cotizações. Eis uma dificuldade.

Com os 10.000 francos do deficit, poderíamos publicar grandes revistas, editar manifestos.

Não estamos num período de divertimentos.

O cartaz não tem o mesmo alcance que uma pequena brochura, que se tem na algibeira, e que nos ensina sempre qualquer coisa.

Devemos lançar toda a nossa energia sobre os países da Europa e da América do Norte, porque esta dita agora todo o movimento europeu. Por conseguinte é com ela que nós temos de falar.

Se compararmos os I. W. W. e a F. O. R. A. esta é talvez mais forte que os primeiros, mas os I. W. W. representam o dólar, e por conseguinte mais interesse para a propaganda e para a acção.

Não devemos dirigir as nossas forças para a Suécia e Holanda, por exemplo, que são países muito bem organizados. Seria antes seu dever, fazer tudo que pudessem para nos auxiliar neste momento, em que o dinheiro suco faz quasi milagres na França.

Mas com que direito poderíamos agora pedir-lhe qualquer coisa? Não fazemos nada por agora.

Eis algumas considerações que quiz trazer, e quando se falar de cada país aqui, examinaremos os detalhes.

Borgh—Teria formulado as mesmas

observações que Schapiro acaba de fazer, colocando-me no plano que me diz respeito mais directamente, quero dizer, sobre a questão italiana. Não quero desenvolver a questão, mas apresentarei alguns pequenos detalhes.

Há um ano os delegados da F. O. R. A. vieram a Paris. Eu organizei um meeting com camaradas espanhóis e franceses. Foi combinado fundar um jornal, mas nada se fez.

Sou da mesma opinião que Schapiro, e quando falar da questão italiana, exprimir-me hei mais claramente.

Não foi por culpa dos camaradas do secretariado que não se deu uma direcção nova à propaganda para situações extraordinárias como a de Espanha, da Itália e mesmo da França, pois que esta agrupa em si os três países.

Se não se tomam medidas sérias, nada se fará pela situação francesa. A França não aderiu à A. I. T., mas a má situação deste país prejudicou-nos há a situação espanhola e italiana, e estas contribuíram para prejudicar a situação geral. Será um círculo vicioso, com o qual nos prejudicamos o mais possível!

Rousseau—Pergunta quantos italianos há em França.

(Continua)

O SINDICALISMO EM MARCHA

E' hoje e amanhã que se realizam em Coimbra as sessões pró-reorganização do Sindicato Unico da Construção Civil

Como temos anunciado, realizam-se hoje, em Coimbra, duas sessões de propaganda sindical, com o fim de se proceder à reorganização do Sindicato da Construção Civil.

Nestas sessões tomam parte dois delegados da Federação da Construção Civil, os camaradas Armando Duarte e Luis Gonzaga, pois os trabalhos iniciados para a reorganização do sindicato têm sido feitos sob os auspícios da Federação, de acordo com uma comissão reorganizadora, composta por operários desta cidade.

As sessões terão lugar, a primeira, pelas 11 horas, no lugar dos Olivais, e a segunda, às 16 horas, no lugar de Fala, freguesia de S. Martinho do Bispo.

Amanhã, pelas 18 horas, realizar-se há a terceira e última sessão, na sede da Associação dos Empregados de hotéis, restaurantes e cafés, gentilmente cedida para este fim, donde se conta que saia o sindicato definitivamente reorganizado.

A comissão reorganizadora está animada das melhores vontades, esperando em que o operariado da construção civil, accorra em massa a estas sessões, dando assim uma frizante prova de que se encontra disposto a reagir, lutando para que lhe não cerceiem algumas regalias que já hoje usufrui, ao mesmo tempo que contribui para o maior prestígio e vitalidade da organização sindicalista desta cidade.

A comissão reorganizadora editou um vibrante manifesto-convite dirigido à classe, incitando-a a cumprir o seu dever nesta hora incerta e perigosa que se atravessa.

CAMARA MUNICIPAL

Comissão de avaliação de prédios

Para vogais das Comissões de Avaliação Predial do 5.º Bairro Fiscal foram nomeados os seguintes indivíduos: 1.ª comissão, Rafael Emilio Pereira da Mata, em substituição de Fernando da Conceição Rodrigues; 2.ª comissão, Tomé da Silva Coelho, em substituição de Artur Porfírio de Gouveia.

Sindiciância aos serviços da 3.ª e 4.ª repartições

Tendo a Comissão Administrativa resolvido proceder à sindiciância aos serviços da 3.ª e 4.ª repartições, e tendo dessa missão sido incumbidos os vogais dos respectivos pelouros, mas exigindo o expediente das repartições grande dispêndio de tempo, e atendendo-se a que não era conveniente que as pessoas que estão em assíduas relações de serviço com o respectivo pessoal tenham simultaneamente o encargo de o encargar, foi resolvido que ficasse com o encargo de proceder à referida sindiciância o vogal sr. tenente-coronel Bivar de Sousa.

INSTRUÇÃO

Abrilura duma escola

A Universidade Nacional de Instrução e Educação, correspondendo ao fim para que foi criada, resolveu instalar na rua de Marvila, 57-19, a sua 3.ª Secção abrindo ali uma escola nocturna de primeiras letras e instrução primária, para empregados no comércio, operários e seus filhos, residentes nesta área ou suas proximidades.

Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria

Encontra-se ainda aberta a matrícula para as aulas de primeiras letras, instrução primária, português e francês, mandadas por esta colectividade, estando patente no largo de São Domingos, 11-1, 2.ª, a inscrição todas as noites das 21 às 23, para todos os empregados no comércio, sejam ou não sócios deste sindicato, que queiram frequentar estes cursos.

Doação duma escola

Foi aceita a oferta feita ao ministério da Instrução pelo sr. José Monteiro Alves, de um edifício que o sr. António Monteiro Alves e sua esposa tomaram o compromisso de mandar construir e doar ao Estado para a instalação do lugar de professor da escola primária da Conceição, concelho de Trancoso, devendo ser nomeado para a sua regência o professor sr. António Monteiro Alves.

LUTA DE CLASSES

Os fragateiros da C. U. F.

Para tratar do conflito, entre os camaradas fragateiros e a C. U. F., já generalizado às classes dos Estivadores do Porto de Lisboa, Descarregadores do Porto de Lisboa e Descarregadores de Mar e Terra, reunem-se amanhã, pelas 8 horas, os Descarregadores de Mar e Terra em assembleia geral.

Pela gravidade do assunto, pede-se a comparência de todos os camaradas, assim como a comparência de António Alves Jardineiro e dos que com ele têm trabalhado.

O delírio dos "Soisas" da Litografia Nacional do Porto

PORTO, 1. — Os srs. Soisas da Litografia Nacional visionaram, no seu delirante pensamento, um assalto em forma à sede das suas roças litográficas. O simples facto de presenciarem na sua visualidade, injectada de vermelho, um pequeno vulto de um dos seus escravos em greve — leva-os a ver a pavorosa cena de uma invasão irresistível aos seus domínios oficiais, e a ouvir o fragor arripante das paredes dos seus redutos explorativos a desmoronarem ante a carnalmente destruição dos ímpetos revolucionários dos seus vassallos em grita...

Que horror!

Assediados por uma tal calamidade a derrocar-lhes as esperanças duma maior razão nos direitos dos seus assalariados, apela, os srs. Soisas, para toda a protecção autoritária e urgentíssima da polícia, da guarda republicana, da artilharia.

Que surja depressa a numerosa cavalcada da ala dos namorados da defesa capitalista e que estranhe, com as patas ferradas da ordem social dos srs. Soisas rapazes, qualquer grevista que se encontre pelas imediações de Malmerendas, cujos sobas da Litografia Nacional pretendem, em contraste com os seus lautos pantufalisms acepiços, reduzir a alimentação do seu pessoal a uma única e diária merenda muito mal adubada e quantitativa...

A sua aflicção transpassava até aos caracteres da imprensa diária. Isto quer dizer que os srs. Soisas inclam as autoridades ao exercício das represálias, ao cometimento de algumas perseguições, para ver se assim podem triunfar nos seus desígnios de usurpação cafreana...

Os rufanões industriais da riquíssima Litografia Nacional reclamam a solicita intervenção da força pública em nome da liberdade de trabalho, evitando qualquer coacção sobre este ou aquele rapaz que pretenda reformar o trabalho.

E todavia, os srs. Soisas, não só previnem as mãos dos aprendizes de que eles, se não forem trabalhadores, serão eliminados do quadro da sua colónia penal da mais desenfreada usura industrial, como, doidamente atarefados no seu plano suggestionário, andam a exhibir a intrigante indumentária do seu palanfrário alvicio, a fim de conseguirem que os seus colegas fechem as portas das suas oficinas e corram, pela declaração da greve patronal, pelo lock-out, em seu sacrossanto auxílio... em defesa dos seus egoísmos revoltantes...

Em nome da "liberdade de trabalhos", querem coagir as mãos a obrigarem os mítos a irem trabalhar; em nome ainda da mesma "liberdade de trabalhos", esforçam-se porque os outros industriais proibam os seus operários do livre exercício da sua actividade...

Que extravagantes são os srs. Soisas! Como, porém, os colegas dos nababios e exóticos proprietários da Litografia Nacional sabem perfeitamente que a ambição nada materializadora que eles desejam é a consecução muito breve de um trust litográfico para seu exclusivo usufruto satisfatório, os ditos seus colegas vão dando-lhes as ignaras das armas de São Francisco...

Porque os avaros, sórgos, dementados pela idiotie das grandezas esbúrgadas ao proletariado, nem têm amigos: pretende devorá-los na bocarra dos seus interesses egoísticos, pouco-a-pouco — como bem diz a proclamação de solidariedade da direcção da Associação dos Litógrafos — fazendo baquear «todas as demais oficinas litográficas, enquanto os donos do... material hoje abandonado pelas vítimas do despotismo gosariam, tal qual como em novo festim de Baltazar, no meio dos seus palácios e rodeados de toda a riqueza — o espectáculo tenebroso, adrede preparado, para gaudio de toda uma família tarada de avaros e maus»...

Ora porque a Litografia Nacional está transformada num verdadeiro quartel-general capitalista para dirigir as encapetadas operações de conquista de um sinistro trust Soisano — é por isso que os loilecos ínfimos da supranomeada litografia reclamam a guarda de honra da polícia e dos verdelhões para a frente dos edifícios dos Soisas, a fim de evitar que os grevistas se postem nas imediações da roça e evitar que presenciem a saída dos potes de peçonha, de veneno, destinados à monopolização da indústria litográfica nas mãos de tão catilhões industriais...

Desgraçada classe, se tal destino tivesse! Por isso é que a luta se impõe até ao último alento...

Pela indústria patronal do mobiliário também principiou a correr as primeiras brisas outonais da insânia exploratória.

Como os preços dos géneros de primeira necessidade têm descido muitíssimo... para as altas esferas das especulações tenebrosas, os srs. patrões do mobiliário começam também a sentir uns desejos vorazes no largo abdómen das suas digestões usurárias...

Quere dizer: igualmente cogitam ententes para uma ofensiva meticolosa de diminuição de salário — aproveitando-se da triste circunstância do trabalho, propostada ou naturalmente, escassear.

E como era preciso um «testa de ferro» para dar início à depressão da jornada, foi escolhido Venâncio do Nascimento, talvez por ser um dos mais importantes audaciosos. Em harmonia com o plano «misterioso», já elaborado as suas propostas ao pessoal, o qual, em harmonia com a restante classe, tem rejeitado.

Teremos conflito entre os operários da indústria do mobiliário e respectivos patrões?

A-pesar da crise que existe na indústria, aquela classe não está muito disposta a deixar-se explorar. E, por isso, se as duas partes não chegarem a acordo, é presumível que a greve estale... C.

CARTA DO PORTO

Um pouco da psicologia de um dos "factotuns" do sr. Cravel, o inglês explorador do operariado

PORTO, 30.—Engana-se quem supor que a emocionante história de Cravel já terminou. Ainda há muito que dizer. E, nesta conformidade, abramos a torneira das informações e deitemos mais um jacto de coisas curiosas.

A torcedoria é, em tamanho e espaço, dividida, a secção imediata da fiação, dividida-se uma da outra por uma faixa de terreno relvado e com plantação de árvores ao centro. Exteriormente, tem o mesmo desesperante amarelo que a secção de fiação. Interiormente, tem muita luz e é varrida por maior ventilação do que a última. Como nunca quisemos ser injustos, manda a verdade dizer que naquele salão nunca, até à data, se privou qualquer operária de beber água.

Isto não quer dizer que a torcedoria, sendo vizinha da fiação, esteja isenta do contágio dos sofrimentos passados nesta. De quando em quando, dão-se horrores piores.

Transpando-se a porta principal, enxerga-se logo duas enormes filas de maquinismos separados por uma coxia. Dentre esses maquinismos lobrigam-se operárias em cujas fisionomias se viciam, se esteriotipam as privações que certos momentos de tortura físico-moral estampam desoladoramente ou são as excessivas fadigas do trabalho por terem de olhar por mais lados do que antes, ou é a areia mortificante como resultado dos mds números dos fios que os seus algozes lhes dão — quando não caem nas suas boas graças...

Os dirigentes desta secção são os seguintes indivíduos: W. C. Wood, inglês; A. M. Rodrigues, D. Vale, A. Cunha e a menina Maria.

O primeiro, quando tomou conta da direcção técnica dos serviços que lhe confiaram, não dizer dos informes que possuio no carnet, de uma rematada nulidade. Mas como era indispensável salientar-se à custa alheia, mandava executar trabalhos fora das normas devidas. Resultado lógico e imediato: inutilização de bastante fio...

A sua competente... incompetência é que não podia, porém, ser abalada aos olhos miserabilísticos, não só dos portugueses, mas muito principalmente dos seus próprios compatriotas. Logo... para se encobrir tamanhas faltas, o inglês atribuía-as às operárias, castigando-as ou despedindo-as sem quaisquer indícios de consideração possível...

E o sr. Rodrigues? É um grave secretário do gerente de Cravel, com cujo cargo se ufana incofinadamente, qual sapo da poesia de Victor Hugo. Desempenha também as funções de um espiao emérito, procurando sempre sondar o estado de alma dos escravos de Cravel. Para que a sondagem seja bem feita, reveste-se de um cinismo verdadeiramente a jesuítia. Aproxima-se de qualquer operário, faz-se amigo d'ele, muito confidencial, e começa a dizer umas cousas muito subitas em desabão dos gerentes. E se o operário, desconhecendo dos processos jesuíticos do Rodrigues, se deixa enganar pela espalheira habilidosamente untada pelo cébo «holandês» falso... do falsíssimo mestre, já sabe que é expulso por intimamente não sentir simpatias pelo procedimento desumano dos gerentes. E desta maneira que ele arranja vítimas para se conservar no honroso lugar de secretário...

Mas o mesmo indivíduo não desempenha só o repelente papel de espiao. Também tem o seu lado galanteador, conquistador, amoroso. Arrasta a sua asa concupiscente, profere às operárias de que gosta uns ditos maliciosos de rubroescar. As que se deixam ir na rede dos seus lubriscos galanteios, podem estar descansadas que lhes serão dados os melhores lugares e gozarão de boa reputação ante o libidinoso. Mas aquelas que, pelo contrário, repudiam o cupidico e atrevido jogo do sensual, presando a sua honestidade, o seu porte sério, essas vão para os piores sitios e terão, como prêmio da sua indelectibilidade moral os tais maus números de fio que ajudam a gravar nos cloróticos rostos das vítimas os estigmas penosos de tantas privações...

Isto não nos custa acreditar, porque nós, como muita gente, sabemos que idênticos factos revoltantes se dão, em quasi, senão todas, as fábricas que para ali existem.

Se A. Cunha segue as pisadas de M. Rodrigues, dando-se com ele um caso que agora não relatamos por ser contos largos, manda a boa razão que se diga que D. Vale é indivíduo mais consciencioso — menos sabujo...

Oh! ser muito interessante a história da fábrica de Cravel...

C. V. S.

Uma excursão de estudo

ALJUSTREL, 30.—C.—E' no dia 10 de Outubro que deve partir desta localidade uma excursão operária de estudo e propaganda às minas de São Domingos.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinal, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 1\$300.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, a administração de A Batalha.

Edições de "A Sementeira"

Práticas não-maltusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$30

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 82

A Conferência Juvenil do Porto que inicia os seus trabalhos no próximo dia 15

vai constituir uma importante afirmação da consciência revolucionária da mocidade operária

PORTO, 1. — Está definitivamente marcada para os próximos dias 15, 16 e 17 de Outubro a realização da II Conferência Juvenil, na qual vão ser apreciados trabalhos dum alto valor moral e social para o desenvolvimento da organização das Juventudes Sindicalistas da região portuguesa, mormente desta localidade, onde se observam certas anomalias na sua estrutura.

A comissão organizadora tem constatado com regosio o estado de adiantamento dos trabalhos que tem entre mãos e que em breve serão publicados em número especial de «O Grito da Juventude».

Em sua última reunião, esta comissão apreciou entre o vário expediente, dois officios; um da F. J. S. comunicando a impossibilidade de se fazer representar directamente na conferência e outro do Núcleo de Gaia em que apresentava a opinião de que a conferência a realizar fosse extensiva àquela localidade, em virtude de sentir as mesmas necessidades que o Núcleo do Porto, na modificação da sua estrutura, e assentar-se em trabalhos práticos tendentes ao robustecimento da organização juvenil das duas localidades.

Quando ao primeiro officio, a comissão tomou-o na devida consideração, deixando ao critério da assembleia geral, que se realizaria breve, a matéria inserta no segundo.

No entanto é opinião unânime desta comissão, sem desconsideração para o Núcleo de Gaia, com o qual o Núcleo do Porto mantém estreitas afinidades, que a conferência deve ser local simplesmente, por motivos que serão expostos numa outra nota officiosa.

Na passada quarta feira, voltou a reunir a comissão organizadora para apreciar vários trabalhos que à conferência vão ser presentes, entre os quais a tese «Solidariedade». Apreciou também detalhadamente as possibilidades da edição dum número especial de «O Grito da Juventude» que inserirá todos os trabalhos da conferência.

Registou com júbilo a maneira como todos os jovens corresponderam aos apelos desta comissão contribuindo já na sua quasi totalidade com a cota de adesão.

Resolveu editar uns livretes para cotas de auxílio voluntário, para todos os que preconizam as Juventudes e que simpatizam com esta iniciativa, atendendo às várias despesas que a realização da II Conferência Juvenil acarreta à sua comissão organizadora.

Aos sindicatos operários

A Comissão Administrativa da Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, comunica a toda a organização operária de que esta antiga colectividade pela reforma dos seus estatutos, passou a chamar-se Sindicato dos Marinheiros Mercantes Portugueses.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1800 pelo correio, registado, 1850.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.ª—La era de la esclavitud;

2.ª—La rebelión de Espartaco;

3.ª—Abolición de la esclavitud;

4.ª—Abrección y Servindumbre;

5.ª—La revolución de los siervos;

6.ª—La miseria de los agricultores;

7.ª—Transformación del Poder Feudal;

8.ª—El comunismo cristiano;

9.ª—Los miserables en la Edad Média;

10.ª—La libertad ilusoria;

11.ª—La agonia del absolutismo;

12.ª—El trabajo motor universal;

13.ª—El imperio de la guilhotina;

14.ª—Las ideas sociales y la revolución francesa;

15.ª—Los primeros tiempos del salariado;

16.ª—Hospitales, cárceles y asilos;

17.ª—Las crueldades de la burguesia republicana;

18.ª—Los héroes de la Comuna;

19.ª—Horribles matanzas de Comunistas;

20.ª—La República Española y la classe obrera;

21.ª—La Primera Internacional;

22.ª—El socialismo ante el Parlamento español;

23.ª—El futuro obrerista profetizado por Castelar;

24.ª—Pi y Morgall confunde a los enemigos del socialismo;

25.ª—Los precursores del Proletariado moderno.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Comissão Instaladora

Reuniu-se ontem a Comissão instaladora que nomeou delegados à sessão de protesto contra a carestia da vida que amanhã, pelas 21 horas, se realiza na Secção Mista de Propaganda e Organização Sindical, os camaradas Domingos Gonçalves e Guilherme Artilheiro.

Quando à queixa que o Comité Pró-pressos vai fazer da Comissão Instaladora ao Conselho de Delegados, aguarda esta comissão que o mesmo conselho a aprecie e resolva como entender, visto que a Comissão Instaladora não lhe sobra o tempo para curar de assuntos mínimos.

Comissão do Inquilinato

Reúne amanhã, pelas 21 horas, para apreciar a tese sobre o inquilinato.

COMUNICAÇÕES

Pessoal de Camaras—Reuniu-se em assembleia geral em 30 p. p. resolvendo, entre outros assuntos, dar a adesão ao Congresso dos Sindicatos de Lisboa, sendo nomeados delegados ao mesmo os camaradas Manuel Marques e José Crispiniano Rodrigues. Para representar a classe na Caixa de Assistência aos Tripulantes da Marinha Mercante também foram nomeados os seguintes delegados: Manu. Marques, José Duarte Ferreira e Manuel Celestino Graça, para o conselho administrativo; António Gomes do Amaral, Alvaro Ramos e José Crispiniano Rodrigues, para o conselho fiscal.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE

Federação Corticeira Nacional.—O conselho federal prias 11 horas para assuntos importantíssimos. É indispensável a comparência de todos os delegados.

Manipuladores de Pão.—Pelas 19 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciar as circulares da C. S. T. sobre o congresso local e crise de trabalho; apreciar a situação da classe perante a baixa de salários e aumento da carestia da vida; assuntos diversos.

DIAS PROXIMOS:

Federação Metalúrgica.